



O livro de Margery Kempe: análise e tradução da primeira autobiografia escrita em língua inglesa, de Fernanda Nunes (2023)

[10.29073/naus.v7i1.902](https://doi.org/10.29073/naus.v7i1.902)

Recebido: 25 de março de 2024.

Aprovado: 24 de junho de 2024.

Publicado: 27 de junho de 2024.

Autor/a: Clara Vasconcelos , Universidade de Pernambuco, Brasil, clara.mavasconcelos@upe.br.

Fernanda Cardoso Nunes é Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Professora Assistente na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Em 2023, ela defendeu a sua Tese de Doutorado e publicou, no mesmo ano, um recorte de sua pesquisa, intitulado *O livro de Margery Kempe: análise e tradução da primeira autobiografia escrita em Língua Inglesa* na coleção PósLetras; tornando-se, assim, a primeira publicação correspondente à Linha de Pesquisa em Estudos Clássicos e Medievais (López; Deplagne, 2023).

Em *O livro de Margery Kempe: análise e tradução da primeira autobiografia escrita em Língua Inglesa*, Nunes (2023) desconstrói o imaginário acerca das mulheres da Idade Média e nos apresenta a anacoreta Juliana de Norwich e a religiosa Margery Kempe como duas figuras que nos fazem repensar a escrita da História ao traçar a genealogia das autoras. Desse modo, Nunes (2023) promove um mapeamento da Literatura Inglesa do *Middle English* que caminha *pari passu* à discussão sobre a literatura de autoria feminina tão somente de Língua Inglesa, mas também, do contexto medieval europeu.

Portanto, os objetos investigados por Nunes (2023) são as obras *Revelations of Divine Love* e *The Book of Margery Kempe*, escritos por Juliana de Norwich e Margery Kempe, respectivamente. Isso posto, vemos que as duas autoras são duas mulheres *avant la lettre* que compõem o cânone literário de escritoras de Língua Inglesa, as quais deixaram um legado inestimável na História e na Literatura de autoria feminina. Dessa forma, em uma época na qual as mulheres não tinham o direito sequer de se tornarem letradas, as duas místicas inglesas nos presenteariam com os seus livros que se tornaram algumas das primeiras obras escritas por mulheres em Língua Inglesa.

Assim, Fernanda Nunes (2023) realiza a tradução, em caráter inédito, de *The Book of Margery Kempe*, bem como, procede análises sobre a obra. Desse modo, Nunes (2023) conclama teóricos das áreas da Tradução, dos Estudos de Gênero e da Literatura, bem como, os seus desdobramentos acerca da Literatura Religiosa produzida por mulheres. Logo, a tradução realizada por Nunes (2023) não se limita a questões linguísticas interlinguais; pelo contrário, vai além ao compreender a tessitura da obra de Kempe sob um viés desconstrutivo do imaginário falocêntrico da Idade Média que silencia as mulheres.

Outrossim, é importante salientar o caráter memorialístico das obras em questão, uma vez que elas marcam as vivências das experiências místicas das duas inglesas. Pois, as memórias de Norwich e de Kempe, ao serem transmutadas para as narrativas, colaboram para a construção e para o reconhecimento do protagonismo feminino nas terras da antiga Albion; justamente, ao demonstrar que as mulheres não eram totalmente iletradas, como se costuma convencionar a figura feminina medieval.

Destarte, em *O livro de Margery Kempe: análise e tradução da primeira autobiografia escrita em Língua Inglesa*, Fernanda Nunes (2023) organiza a obra em três seções: “Literatura de autoria feminina inglesa medieval: pelas terras de Albion, mulheres de letras”; “Traduzindo narrativas místicas medievais de autoria feminina: questões de cânone e estudos de gênero”; e “O livro de Margery Kempe”. Para tanto, Nunes (2023) nos brinda com uma pesquisa que traça um percurso histórico sobre a escrita feminina e o situa nas discussões sobre gênero, tradução e cânone ao desvelar para o leitor como estas categorias estão interconectadas; situando-as “no campo História das Mulheres e da Crítica Literária Feminista” (Nunes, 2023, p. 16).



Com o auxílio dos campos da História das Mulheres e da Crítica Literária Feminista, verificamos que a proscrição “o *olvidamento*” das mulheres no âmbito da Literatura Inglesa passa a ser revisto e a reescrita das histórias das mulheres caminha paralelamente aos movimentos feministas. Dessa forma, apreendemos o caráter político do apagamento das mulheres na produção literária ao longo dos séculos.

Quando consideramos tais atitudes em relação à participação das mulheres na produção literária, compreendemos o porquê de Beowulf, Brutus e o Rei Artur serem figuras masculinas centrais no imaginário literário inglês. Assim como Caedmon, Beda, Geoffrey de Monmouth e Geoffrey Chaucer serem nomes representativos de escritores do Old English e do Middle English.

Mas qual é o lugar das mulheres nesse universo predominantemente androcêntrico? Tal reflexão nos leva a considerar o papel do cânone e o poder de exclusão de nomes de sua lista. Por serem majoritariamente masculino, branco e europeu, os critérios de seleção do cânone são permeados por diversas relações de poder que reverberam o caráter patriarcal, branco e judaico-cristão que este assume diante dos nomes e títulos que devem ou não serem inclusos na lista. Conforme Nunes (2023) destaca, não é de se estranhar que as primeiras autoras medievais a integrarem o cânone sejam as religiosas. Tal fato denota o poder exercido pela Igreja Católica, o que coaduna o teor “androcentrado” e hegemônico excludente do cânone.

Mesmo em meio à aura religiosa, a escrita de si promovida pelas místicas a partir das suas experiências com o divino, constituem-se como um ato transgressor frente ao patriarcado, instituindo-se como uma alternativa à produção literária da época nitidamente patriarcal. Por conseguinte, Nunes (2023) ressalta que Norwich e Kempe são a “contraparte inglesa” do movimento literário que surgiu no medievo europeu tendo como padrão a escrita feminina mística. Logo, Juliana de Norwich se tornou uma das maiores teólogas desse recorte histórico, compondo um perfil partilhado por mulheres entre os séculos XI e XV a partir de suas experiências subjetivas com o sagrado por meio de visões.

Diante do silenciamento imposto ao feminino, a escrita mística dessas mulheres se constituiu como uma forma de transgredir o ostracismo que lhes era imposto. Dito isso, as místicas encontram na escrita uma ferramenta de subversão do emudecimento, promovendo uma ruptura com a caracterização do feminino como um ser frágil, infantilizado e propenso às armadilhas do mal. Sendo assim, essa insurreição contra a representação feminina pintada pelos homens desestabiliza os seus alçozes ao contrapor a visão essencialista de ser vulnerável que lhe é creditada.

À vista disso, a escrita de Norwich e de Kempe transpassa tais estereótipos e assume um caráter ainda mais transgressor, especialmente, quando consideramos a forma como Juliana de Norwich representa Jesus em sua trama sob uma ótica feminina, ao contrário da tradição que o caracteriza como um sujeito masculino. Desse modo, Juliana apresenta a figura de Cristo como uma mãe, além de utilizar metáforas que lhe atribuem um caráter materno. Assim, Norwich coloca em paralelo a figura de Cristo como pai e mãe da humanidade, pois “[...] Dele brota a nossa vida e o Seu amor protetor nos abriga e acompanha incessantemente” (Norwich, 2018, p. 160 *apud* Nunes, 2023, p. 59).

Kempe também transgride os parâmetros de escrita feminina da Idade Média ao fazer emergir no texto as suas experiências como mulher que experiencia o contato com o Divino, ao passo que tenta moldar a sua imagem como a de uma mulher santa. Tal fato faz com que a obra de Margery Kempe se situe tanto como uma autobiografia, como também, uma hagiografia. Assim sendo, podemos considerar que, as experiências de Kempe com o sagrado a torna um sujeito à frente de seu tempo, conseguindo autonomia, inclusive, para deixar a sua família e seguir uma vida de peregrinações pela Inglaterra e Europa após ter visões que a conduziam a seguir a vida espiritual.

Todavia, é relevante ressaltar essas mulheres, bem como, outras em situações similares que também foram vítimas de perseguições devido à conduta que adotavam, pois estavam à margem da figura de mulher que a sociedade lhes requeria. Margery Kempe, por exemplo, foi acusada e presa por heresia lollarda devido à forma



como ela entrava em contato com o divino por meio de suas visões, uma vez que ela “[...] causava espanto em seus contemporâneos, pois se expressava através de choros, gritos e contorções” (Nunes, 2023, p. 54).

Sendo assim, observamos como as três perspectivas teóricas (perspectiva religiosa, crítica literária feminista e a história das mulheres) aliadas aos estudos da tradução — que Fernanda Nunes (2023) elenca como elementos basilares de sua pesquisa —, se entrelaçam para a produção de conhecimentos e de compreensão das obras de Norwich e Kempe. Pois é necessário compreender a religião como fator preponderante tanto para a exclusão de mulheres como para a sua inclusão no cânone literário. Visto que, a crítica literária feminista desmistifica o caráter essencialista de gênero que, durante tanto tempo, foi imposto e naturalizado em relação à imagem feminina como uma pretensa fragilidade; e como a história das mulheres ajuda a reescrever a História e a contestar as narrativas instauradas pelo patriarcado. No tocante à tradução, observamos que o lugar que ela ocupa também está entrelaçado ao feminino.

Por conseguinte, resgatando a discussão sobre a tradução, Nunes (2023), ao mencionar Chamberlain em sua obra *Gênero e a metafórica da tradução* (1998), explora a relação entre a tradução e o feminino ao observar que o ato tradutório é visto, muitas vezes, como algo de segunda mão, inferior e menos prestigiado. Dessa maneira, de acordo com Chamberlain (1998), Fernanda Nunes explicita que a carga semântica que muitas metáforas carregam consigo possuem um valor negativo por meio da sexualização da tradução.

Esse teor pejorativo atribuído ao ato tradutório se consubstancia e se materializa na figura de *les belles infidèles*. Tendo isso em vista, à medida que as traduções são belas e auxiliam o leitor de que desconhece o idioma de partida do texto — aos lhe propiciar a leitura de algo que, sem a tradução, seria difícil de ser lido —, elas também são consideradas infiéis por não serem o original. Sendo assim, a expressão metafórica que o rótulo suscita põe em paralelo a fidelidade na tradução e no casamento, cabendo a culpa sempre à mulher.

Feitas as devidas referências aos Estudos da Tradução e a sua relação com os Estudos de Gênero, Nunes (2023) explicita a importância da tradução para a construção da História e a sua relação com a memória; haja vista que esse intercâmbio, interlingual e, também intralingual, é fundamental para que se possa conhecer mais sobre a Idade Média e essas mulheres que foram durante tanto tempo silenciadas.

Chegando ao término de *O livro de Margery Kempe: análise e tradução da primeira autobiografia escrita em Língua Inglesa*, Fernanda Nunes (2023), em um trabalho de fôlego, nos presenteia com uma tradução de *O livro de Margery Kempe* que encontra-se dividido em Livro 1, Livro 2 e Capítulo 1. A sua tradução, a partir do único manuscrito de 1438, disponível na *British Library*, é uma oportunidade inigualável de conhecer e compreender a Idade Média e as mulheres que viveram nesse período por meio da voz feminina de Margery Kempe, bem como, das considerações que a autora faz acerca de Juliana de Norwich. Em síntese, chegamos às considerações de que, Nunes (2023) nos convoca a repensar a Idade Média, assim como, as representações reducionistas dessa época e das mulheres que fizeram História nesse período. Portanto, a contribuição de Fernanda Nunes (2023) aos Estudos de Gênero, à Literatura, à Tradução e à História nos faz mergulhar na história de mulheres que, por meio de uma *praxis* religiosa, conseguiram romper com os estereótipos de fragilidade do feminino que se constitui, antes de tudo, como atitudes políticas contra a figura feminina.

Referências

Chamberlain, L. (1998). *Gênero e a metafórica da tradução* (N. Viscardi, Trad.). In P. Ottoni (Ed.), *Tradução. A prática da diferença*. FAPESP/UNICAMP.

López, J. I. J. C., & Deplagne, L. E. de. F. C. (2023). Apresentação. In F. C. Nunes (Ed.); *O livro de Margery Kempe: análise e tradução da primeira autobiografia escrita em língua inglesa* [recurso eletrônico]. Editora do CCTA.

Norwich, J. de. (2018). *Revelações do Amor Divino* (M. E. H. Nielsen, Trad.). Vozes.

Norwich, J. de. (2018). *Revelações do Amor Divino* (M. M. Maroldi, Trad.). Paulus.



Nunes, F. C. (2023). *O livro de Margery Kempe: análise e tradução da primeira autobiografia escrita em língua inglesa* [recurso eletrônico]. Editora do CCTA.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo da *NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais* é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.